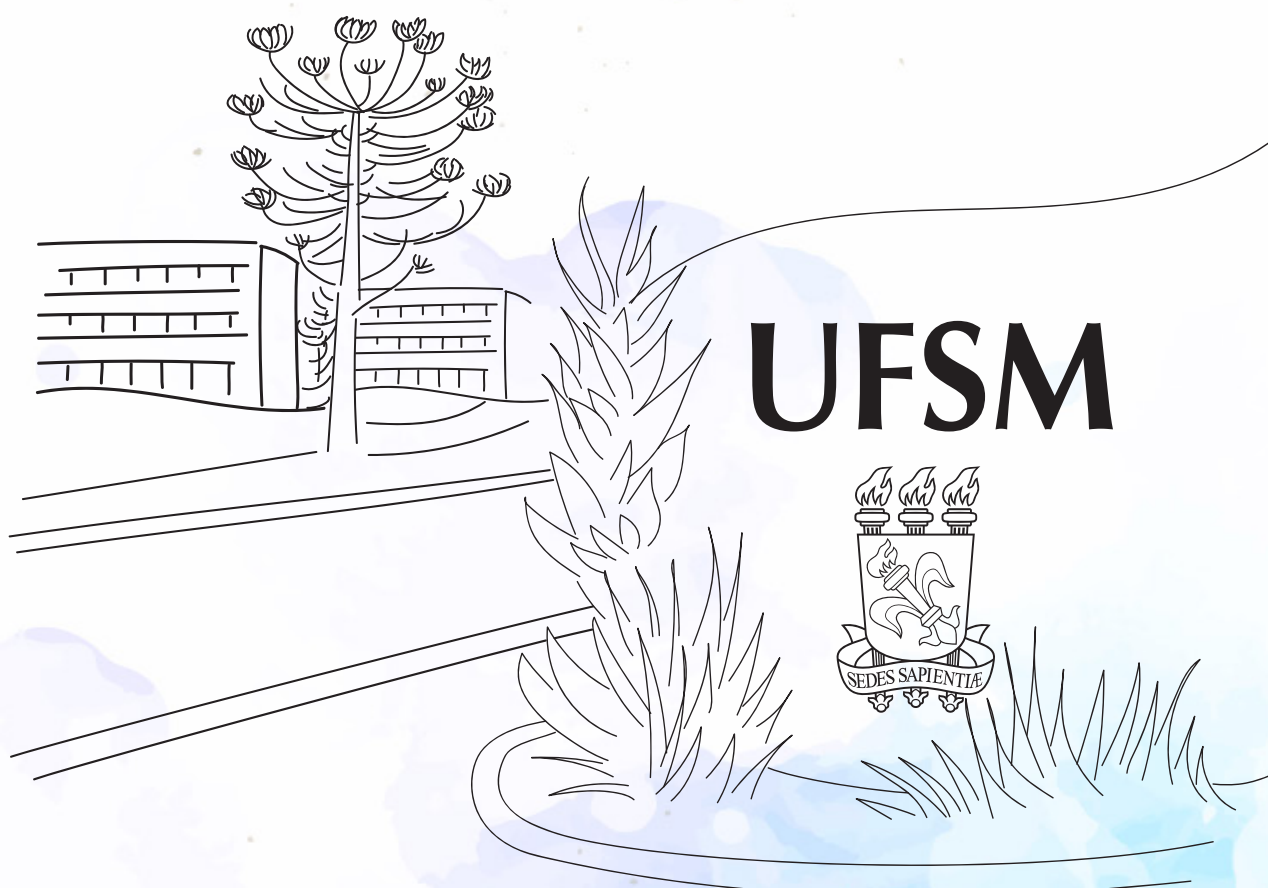




UFSM
Frederico
Westphalen

Concurso Literário “Minha vida no Campus”



Comissão Setorial de Cultura e Arte
2025



UFSM
Frederico
Westphalen

Concurso Literário



**Ministério da Educação
Universidade Federal de Santa Maria
Campus da Universidade Federal de Santa Maria em Frederico Westphalen**

CONCURSO LITERÁRIO

**Tema:
“Minha Vida no *Campus*”**

2025



UFSM
Frederico
Westphalen

Concurso Literário



EXPEDIENTE

Reitora

Martha Bohrer Adaime

Vice-Reitor

Tiago Bandeira Marchesan

Diretor

Braulio Otomar Caron

Vice-Diretora

Eliane Pereira dos Santos

Pró-Reitora de Extensão

Milena Freire de Oliveira-Cruz

Pró-Reitora de Extensão Adjunta

Angela Weber Righi

Coordenadora de Cultura e Arte

Raquel Guerra

Coordenador de Cultura e Arte Substituto

Edison Luiz Pavão Borges

Organização e Revisão Textual

Adriana Camponogara Aires da Silva

Sandra Valéria Binotto

Projeto Gráfico/ Diagramação

Sara Spolti Pazuch

Promoção

Comissão Setorial de Cultura e Arte da UFSM/FW (CSCA)

Edição

UFSM/FW



UFSM
Frederico
Westphalen

Concurso Literário



U58 Universidade Federal de Santa Maria. Campus da Universidade Federal de Santa Maria em Frederico Westphalen

Concurso Literário da UFSM/FW: Minha vida no *Campus*. UFSM, FW.
– Frederico Westphalen, 2025.

21p. il.:

E-book : il. color

E-book, no formato de PDF

1. Literatura brasileira 2. Crônicas 3. Poesia 4. Eventos. I. Título. II.
Título: Concurso Literário da UFSM/FW: minha vida no Campus.

CDU 821(81)-31

Ficha catalográfica elaborada por Sirlene Aparecida dos Santos - Bibliotecária - CRB 10/2102
Biblioteca Setorial do *Campus* da Universidade Federal de Santa Maria em Frederico Westphalen



Minha Vida no *Campus*: Sou UFSM

Há 14 anos trabalho na UFSM/FW, convivendo com pessoas que carregam mochilas e sonhos. Olho ao redor e penso no quanto cada canto desse lugar guarda histórias e, que, de alguma forma, faço parte de muitas delas. Conheço os sons do *Campus*, seus cheiros, suas rotinas. Mas, mais do que isso, conheço muitas histórias que ele abriga. Histórias de superação, de conquistas, de amizades que vão durar uma vida. Trabalhar aqui é viver cercado por gente que está, todos os dias, tentando ser e fazer o melhor, e isso é contagiante.

É curioso pensar que conheço muitos estudantes, e participo da vida deles mesmo antes dos seus primeiros passos aqui dentro. Nas ações e eventos do SEJA UFSM/FW (tantas que já perdi a conta), mostro caminhos, encorajo sonhos. Levo a UFSM até as escolas. Entro nas salas, sinto o ar jovem. Uma mistura de energia e impaciência. Conto histórias, explico o que a universidade oferece, falo sobre os cursos, as bolsas e os auxílios, as oportunidades de pesquisa e extensão. Muitas vezes, percebo que aquela conversa é o primeiro passo para um sonho se tornar realidade. Quando esses rostos voltam a me encontrar no *Campus*, já não são mais apenas visitantes...

Talvez essa ligação seja ainda mais forte porque nasci em Frederico Westphalen. Trabalho em uma instituição que faz parte da vida da minha cidade e da minha identidade. Orgulho-me em dizer que participei dos movimentos que resultaram na criação do *Campus* e que fui estudante da primeira turma de Jornalismo (mesmo sem ter tido condições de concluir o curso). Cresci vendo a UFSM/FW se transformar e, hoje, tenho o privilégio de contribuir para que ela continue sendo um espaço de oportunidades, conhecimento e mudança de vidas.

Há uma satisfação silenciosa em perceber que, de alguma forma, faço parte dessa trajetória. Quando chega o dia da Colação de Grau e vejo aqueles rostos, mais maduros e confiantes, recebo de volta lembranças de anos de convivência. Estão ali, ouvindo-me chamá-los na cerimônia de colação de grau, com beca, sorriso e diploma nas mãos. É um momento que sempre me emociona, porque simboliza mais do que o fim de um curso, é a realização de um projeto de vida. Entre papéis e sorrisos, trilhas e metas, vejo sonhos crescendo em diferentes processos formativos. Cada aluno que chega, um capítulo a escrever. Cada formando que parte, um legado a viver.

Ricardo Cocco
Técnico em Assuntos Educacionais - UFSM/FW



Sumário

Prefácio.....	05
----------------------	-----------

Categoria Crônica:

Entre mates e despedidas

<i>Mateus Scherer</i>	<i>09</i>
-----------------------------	-----------

Do silêncio do lago ao sopro vivo do *Campus*: a corrida da vida

<i>Gracieli Fernandes</i>	<i>11</i>
---------------------------------	-----------

Rede de apoio

<i>Sirlene Aparecida dos Santos.....</i>	<i>12</i>
--	-----------

Tempo

<i>Henrique Perin</i>	<i>14</i>
-----------------------------	-----------

Herança de saberes

<i>Ellen Louise Soares Manfio</i>	<i>16</i>
---	-----------

Entre prados e cafés

<i>Bernardo Bernardi de Sordi</i>	<i>17</i>
---	-----------

Categoria Poema:

A canção do *Campus*

<i>Adriana Carolina Gamboa</i>	<i>19</i>
--------------------------------------	-----------



Prefácio

O Concurso Literário da UFSM/FW - Edição 2025 foi promovido pela Comissão Setorial de Cultura e Arte (CSCA) e teve o apoio da Direção do *Campus* da Universidade Federal de Santa Maria em Frederico Westphalen (UFSM/FW).

Abrangeu as categorias crônica e poema e contemplou o tema “Minha vida no *Campus*”, baseando-se na premissa de que as pessoas que fazem/fizeram parte dessa Instituição adquirem/adquiriram muito mais do que conhecimento para sua atuação profissional, mas também vivências, humanidade e consciência de sua postura como cidadãos.

A vida no *Campus* é uma experiência única e heterogênea, repleta de vivências que moldam não apenas a jornada acadêmica e profissional, mas também o crescimento pessoal e social de estudantes e colaboradores(as). A exposição a diferentes culturas, ideias e perspectivas, muitas vezes facilitada pela presença de estudantes e profissionais de diversas regiões, e até de outros países, bem como a realização de atividades extracurriculares e de lazer, enriquecem a visão de mundo e produzem memórias inesquecíveis que merecem ser registradas.

Nesse sentido, o Concurso objetivou conhecer histórias e celebrar os momentos vivenciados na Instituição, fortalecendo os laços existentes com as pessoas que dela fazem parte ou que por ela passaram. Buscou, ainda, oportunizar o reconhecimento de talentos da comunidade universitária e, por meio dos textos, revelar à comunidade em geral o universo da UFSM/FW, que completou 19 anos em 16 de outubro de 2025.

As inscrições foram abertas tanto para profissionais que atuam ou atuaram quanto para discentes que estudam ou estudaram na UFSM/FW.

Os textos inscritos foram avaliados por uma Comissão Julgadora, composta pelas professoras Andréa Franciéle Weber e Márcia Elisa Vanzin Boabaid, do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM/FW, e pela Secretária Executiva Roselei Battisti, da Secretaria Unificada de Departamentos da UFSM/FW, as quais possuem formação na área de Letras.



UFSM
Frederico
Westphalen

Concurso Literário



A divulgação dos resultados ocorreu na data de comemoração de aniversário do *Campus*, momento em que os textos classificados em primeiro lugar foram lidos por seus próprios autores, seguido da apresentação musical “Canções Populares Latino-Americanas”, sob a direção do professor aposentado do curso de Música da UFSM Daniel Morales e promoção da SEDUFSM.

A partir deste ato, os sete textos selecionados foram impressos e expostos no *hall* do prédio principal da UFSM/FW, e, depois, compilados nesta publicação digital, de acordo com a categoria e a ordem de classificação.

Comissão Setorial de Cultura e Arte da UFSM/FW (CSCA) - 2025

Adriana Camponogara Aires da Silva

Amália Yume Mendes Miúra

Cesar de Moraes Coutinho

Luis Fernando Rabello Borges

Oscar Agustin Torres Figueredo

Pedro Lucas Martins

Sandra Valéria Binotto



Entre mates e despedidas

“Sangue verde do meu pago”, assim se refere Jayme Caetano Braun a esta “velha infusão gauchesca”, carregada de histórias, lembranças e símbolo de hospitalidade.

Hospitalidade, um modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento em relação ao outro. Dessa forma, relato aqui histórias, momentos de alegrias, amizades, tristezas, reflexões e, acima de tudo, gratidão.

Sempre ouvia de um professor, durante minha primeira graduação, uma frase que habitava a tênue linha entre a alegria e a tristeza: “Trabalhar em uma universidade é vivenciar grandes amizades e saber que, em quatro ou cinco anos, sempre haverá o risco de nunca mais vê-las”. Ao ouvir essa frase, o entendimento visto pela visão e experiência do docente não parecia me afetar de modo significativo. Então, uma velha conhecida de todos nós entrou em ação: a Vida!

Comecei a trabalhar na Universidade Federal de Santa Maria, e quis o destino que eu cuidasse de um laboratório de rádio, tendo contato direto com alunos. A cultura que me foi ensinada desde muito cedo, e que sempre me acompanha, logo se fez presente: tomar chimarrão. Porém, não sabia que ela me presentearia com lembranças que guardarei para o resto de minha vida.

Alunos, que até então, eram desconhecidos, chegavam no estúdio e, de prontidão, eu logo lhes oferecia um mate. Nesse rito tradicional sulista, conversas surgiam, causos, histórias e, por que não, o princípio de uma grande amizade, que, com a repetição desse ato, confirmava-se de fato. Entre mates e conversas, eu fazia a pergunta: “Mas e tu, sabe cevar um mate?”. A grande maioria respondia que não sabia, ou que sabia, mas não igual aos que eu cevava. Então, ali, eu via uma oportunidade de passar adiante essa cultura e logo ia dizendo: “Então vem cá, hoje vou te ensinar a cevar um mate”.

Foram várias vezes que essa cena se repetiu. Foram várias conversas, histórias e amizades criadas. Amizades que se estenderam para além dos limites universitários. Amizades que faziam parte do meu dia a dia e que, agora, fazem parte da minha vida. Sem sombra de dúvidas, posso dizer que meu trabalho é uma fonte inesgotável de boas amizades.

Então, a vida começou a dar suas caras. Aquele amigo que eu via todos dias, mateando, rindo, conversando, não só na universidade, mas fora dela também, estava prestes a completar sua graduação e ir embora da cidade.

Do nada, aquele choque! A frase do meu docente começou a fazer sentido. Um dia eu e meu amigo estávamos lá, cultivando o hábito de conversar e tomar chimarrão e, do nada, tomamos um último mate no “Lab Rádio” e nem percebemos. A formatura chegou, e a próxima etapa de sua vida estava logo à frente: seguir seu caminho, tal qual a vida impõe.

O contato, na maioria das vezes, segue acontecendo, mesmo estando longe. Porém, aqueles dias de mate, aqueles dias acalentados por conversas e histórias já não são mais possíveis. Foi aí que o sentimento explicado pelo meu professor fez total sentido e entendi que trabalhar em uma uni-



UFSM
Frederico
Westphalen

Concurso Literário



versidade é viver na tênue linha entre a alegria e a tristeza. A alegria de fazer uma grande amizade e vê-la trilhando sua caminhada, conquistando seus momentos e escrevendo sua própria história, misturada com um sentimento de tristeza de saber que dias como aqueles que vivenciamos, em que o ensinei a cevar um mate, já não são mais possíveis.

Ao longo de quase 10 anos trabalhando na UFSM, momentos assim repetem-se ano após ano, e percebi que a frase do meu professor, agora faz parte da minha vida, e preciso me acostumar a conviver com ela. Como cita Marina Colasanti, “A gente se acostuma, mas não deveria”. Como se acostumar com as despedidas? Como se acostumar a não ver mais seu amigo?

Porém, quando menos espero, ao repetir esse infundável ciclo no dia a dia do trabalho, quer o destino que a minha trajetória e a de meu amigo, por mais curta que seja, acabem se cruzando. As lembranças das histórias vividas, dos dias de mate, tomam conta, e a felicidade estampa em meu rosto o mais sincero sorriso ao vê-lo.

Quis um dia o destino que eu fosse visitar em uma rádio um desses amigos, agora jornalista, trabalhando e trilhando a sua história. Tantas vezes em que eu cevei um mate para esse amigo em “meu estúdio”, agora se invertiam, ele cevou um mate para mim em “seu estúdio”. A alegria já era imensa em estar vivendo aquele momento, então, meu amigo disse as seguintes palavras que me não deixaram esconder a felicidade sentida: “Quando saí da casa dos meu pais, eu não sabia fazer chimarrão, foi o Mateus quem me ensinou, e hoje não passo um dia sem fazer o meu mate”.

Momentos como esses, só de lembrar, me emocionam e me enchem de orgulho ao saber que, por mais que esses encontros sejam poucos, marquei a vida de alguém da mesma forma que esses amigos marcaram a minha. Obrigado, UFSM/FW, por me fazer rico de uma das mais belas coisas da vida: a Amizade!

Mateus Scherer
1º lugar - Crônica - Servidor(a)

Sobre o autor:

Mateus Scherer é Sonoplasta e atua na Divisão de Divulgação Institucional da UFSM/FW desde novembro de 2016.



Do silêncio do lago ao sopro vivo do *Campus*: a corrida da vida

Na chegada em mais uma manhã, meus olhos pareciam se perder com a linda vista. O lago parecia dormir, e a neblina o protegia. A Bella por ali caminhava leve, como se não houvesse pressa alguma no mundo.

Parei o carro e desci, sentindo o cheiro da terra ainda molhada. Neste dia cheguei mais cedo, o sopro vivo do *Campus* ainda não havia surgido. Senti o vento no rosto e a sensação de liberdade e lar. Pensei na grandeza da calmaria do interior. O lago não temia o silêncio e me convidava a ser forte sem precisar provar nada a ninguém. Lembrei da corrida de rua e que, em breve, eu teria uma prova para a qual estava treinando muito. Naquele momento, tive certeza: no fundo, não é quem dispara mais rápido que vence, mas sim quem sabe respirar fundo, controlar o ritmo e seguir em frente, como o lago faz todos os dias.

Fiz minha foto e voltei ao carro lentamente. Logo, o silêncio do lago seria substituído pelo alvoroço de mentes sedentas por conhecimento, correndo entre aulas, trabalhos e conversas apressadas. O sopro vivo do *Campus* iria atravessar os corredores e, em cada passo, em cada risada, em cada ideia, pulsaria energia e movimento.

Assim é minha vida no *Campus*, dividida entre a calmaria e o caos, a paz e o alvoroço, a corrida e o descanso, o silêncio do lago e o sopro vivo. A UFSM/FW me recebe todos os dias com a mesma generosidade e vida com que acolhe todos e todas. O lago? Está sempre ali, assistindo à corrida da vida. Um convite para “correr” com calma e viver o *Campus*.

Gracieli Fernandes
2º lugar - Crônica - Servidor(a)

Sobre a autora:

Gracieli Fernandes é Assistente em Administração e atua na Divisão de Divulgação Institucional da UFSM/FW desde dezembro de 2022.



Rede de apoio

Quando desci pela última vez à rua de calçamento e avistei aquela árvore majestosa fazendo sombra no lago, um dos lugares que mais amo nas idas e vindas para a UFSM/FW, senti um aperto no peito. Era inevitável pensar que poderia ser a última vez que veria aquela linda paisagem. Uma cirurgia delicada viria pela frente. Se tudo desse certo, em alguns meses estaria de volta para admirá-la novamente.

Cirurgia realizada com sucesso, agora era o pós-cirúrgico que assustava. Com o apoio incondicional de meu esposo, tudo corre como o esperado, a saudade dos filhotes aperta o peito. Depois de quarenta dias longe deles, era hora de ir buscá-los em São Paulo, na casa dos avós. E agora? Como ficar três dias sem o marido em casa? Mal conseguia levantar sozinha? Eis que entram em ação as Divas, minha rede de apoio, amigas que a UFSM/FW me presenteou ao longo dos anos.

Apenas recebi o cronograma com dias e horários de cada Diva. Isso me deu um misto de alívio e aflição, afinal são pessoas tão diferentes, as chiques demais para uma casa tão simples, as organizadas demais para uma casa tão bagunçada, as que já conheciam e sabiam o que esperar. Na atual conjuntura, preferi relaxar e curtir cada uma delas, pois a saudade das colegas/amigas era demais.

E assim foram três dias de muita cumplicidade e carinho. A primeira foi também a mentora de toda a ação, já chegou ligada no 220, como sempre, deixou tudo limpo e organizado, adorei a boa conversa, a pipoca e o bolo de churros. Antes de passar o bastão, Diva 1 fez o *checklist* de tudo que eu precisava fazer no dia para que as outras já soubessem e me cobrassem.

Diva 2 chegou para passar a primeira noite, com o travesseiro embaixo do braço e o jantar na bolsa, um verdadeiro banquete, diga-se de passagem, e ainda de sobremesa umas deliciosas rapadurinhas. Disse no grupo que eu estava rebelde e dei uma chave de braço nela porque não queria dormir e que, depois de 20 gotas de rivotril, me acalmei, espalhando *fake news*, né, dona Diva 2? Após passar o boletim da paciente, foi para mais um dia de labuta.

Diva 3 já chegou passando trote nas gurias, dizendo que não conseguiu ir ficar comigo. Logo o grupo bombou, todas preocupadas querendo saber o que aconteceu, uma linda foto de nós duas acabou com as preocupações, e todas já sabiam que eu estava em boas mãos. Foi uma tarde quente, porém gostosa, Diva 3 com seu crochê e muita conversa, assistimos um lindo filme na sessão da tarde, regado a uvas deliciosas e folhado de frango.

Na segunda noite, tive o prazer de receber a minha querida amiga e vizinha Diva 4, acionada pela Diva 1, já que ela é esposa do nosso colega da UFSM. Diva 4 me fez companhia naquela noite, muita conversa e boas risadas.

No dia seguinte, tive a honra de almoçar com a Diva 5 e passar uma tarde de muita conversa, pernas para o ar e preguiça, a louça que espere, né, Diva 5? Demorou para lavar e ainda quebrou uma xícara, sorte dela que não foi a do Corinthians do marido!

Por fim, mas não menos importante, a Diva 6 chegou para a última noite do cronograma. Com chuva e muita alegria, matamos a saudade e fofocamos o que restou de fofocas, comemos um delicioso hambúrguer feito com muito capricho e carinho.



UFSM
Frederico
Westphalen

Concurso Literário



A Diva 7 não pôde participar do “Cuidando da Diva operada” porque ela também estava precisando de cuidados no momento, mas esteve presente em nossas animadíssimas conversas no grupo das Divas. Para finalizar o cronograma estabelecido, um último encontro, agora com quase todas as Divas reunidas e regado com deliciosos picolés e muitas risadas, lembrando as peripécias de cuidar de uma recém-operada.

Graças a essa rede de apoio, muitos pensamentos positivos, muita ajuda dos familiares que, mesmos distantes, estiveram presentes, e à Diva 8, uma pessoa muito querida que ficou com minha filha nas consultas e exames intermináveis pré-operatórios, tudo ficou bem. Passaram-se os dias, meus filhos e marido de volta, coração renovado e pronto para mais alguns anos de emoções, a vida volta ao eixo.

E assim, depois de alguns meses, avisto ao longe a majestosa árvore a fazer sombra no lago e subo a rua de calçamento com um misto de alegria e alívio, pronta para iniciar mais um dia de trabalho, convívio e muitos abraços, nessa instituição que me faz sentir acolhida. Obrigada, UFSM/FW, por fazer parte da minha história e trazer pessoas tão especiais ao longo de minha jornada.

Divas surgiu na pandemia. Colegas mulheres da UFSM/FW criaram um grupo no *WhatsApp*, “Divã da Reflexão”, para não se sentirem tão sozinhas no momento de isolamento, que permanece até hoje e está cada dia mais forte. Algumas Divas citadas no texto não estão no grupo, mas fazem parte da minha história e estão em meu coração.

Sirlene Aparecida dos Santos
3º lugar - Crônica - Servidor(a)

Sobre a autora:

Sirlene Aparecida dos Santos é Bibliotecária e atua na Biblioteca Setorial da UFSM/FW desde fevereiro de 2011.



Tempo

O tempo é preciso e necessário para as atividades manuais; que horas começar a roçar, que horas alimentar a criação, que horas cortar o pasto, que horas moer o milho... A permanência do tempo é o principal motivo para precisar preservá-lo, e uma das maneiras modernas que criamos para guardar o tempo, enclausurá-lo e lhe dar um outro sentido foi a invenção do relógio. Ou a invenção do próprio tempo, em uma primeira instância. Mas pensemos no relógio, a ferramenta definitivamente mais eficaz de enjaulá-lo. E existem as mais diversas categorias de relógios, como os de pulso, de bolso ou de parede, os movidos a pilha, a corda ou os automáticos. Os automáticos, inclusive, são o suprasumo da engenharia nesse quesito: eles oferecem a perpetuação do tempo sem a necessidade de grandes intervenções. Não deixa de causar espanto pensar que o mecanismo que retroalimenta o relógio, ou seja, o movimento humano que o braço com a enxada, o martelo, a foice ou a soga produz, cria a energia cinética que alimenta seu dínamo e consequentemente sua fonte de energia.

Quando minha mãe me deu o relógio automático do meu avô, alguns dias após seu falecimento, ele não funcionava. Na verdade, não sei se não funcionava, mas estava parado, silente. Acredito que nos últimos anos, já distante da lida do campo, meu avô não tinha mais a necessidade de controlar o tempo. O relógio, então, restou guardado. E de pouca utilidade, pois o passar das horas é distinto quando não se precisa mais roçar, alimentar a criação, cortar o pasto ou moer o milho.

De qualquer modo, hoje o relógio me pertence. Mandeí-o para um relojoeiro que lhe deu um novo lustro e um novo significado. E se meu avô não teve a oportunidade de estudar em seus quase 90 anos nesta existência, agora, através de seu relógio, me acompanha ao *Campus*. Faça calor, frio ou chuva, eu e meu avô estamos todas as noites na UFSM, em Frederico Westphalen.

Provavelmente ele não se sentiria confortável em um ambiente acadêmico, visto que sua erudição não alcançava mais que a assinatura do próprio nome, mas assim como foi o tutor dos meus primeiros verões, agora sou eu que tenho o privilégio de lhe apresentar um novo mundo. Se seu conhecimento do alfabeto não passava das quatro vogais e das cinco consoantes que formavam seu nome e sobrenome, hoje ele me ajuda a programar em Python e em C++, é meu companheiro na escrita de algoritmos e na resolução de questões de matemática. E o danado começou a pegar gosto pela coisa. Não é permitido usar celulares nas provas de Programação e Estrutura de Dados, mesmo para controlar o tempo? Não há problemas, pois o relógio do meu avô marca o horário. A resolução das questões de Matemática Discreta ocupa todas as tardes? Novamente não é preciso mexer no celular, pois meu avô ajuda a segurar o tempo e acalmar a ânsia da distração. Compreendo cada vez mais o ditado “o dia que se planta não é o dia que se colhe”.

Percebi, nas últimas semanas, que meu avô está pregando uma peça em nós: o relógio curiosamente se adianta um minuto a cada cinco dias. Ao fim de um mês, estamos seis minutos antecipa-



UFSM
Frederico
Westphalen

Concurso Literário



dos. Findo um semestre, são praticamente 20 minutos à frente do tempo. Penso que meu avô ainda o rege, fazendo-nos sair de casa mais cedo. Não mais para roçar, alimentar a criação, cortar o pasto ou moer o milho, mas para escrever e estudar, principalmente. Chego ao *Campus* sempre adiantado, pois meu avô resolveu tomar novamente o tempo para si e decidiu que ele não mais me pertence. E a cada dia ele quer vir mais cedo. Repito: pegou gosto pela coisa. Quer estudar na biblioteca, ler nos bancos, percorrer os corredores, tomar café no bar, sentar-se à frente dos computadores, programar e escrever... mas também quer brincar com a Bellinha, afinal foram quase 90 anos na roça e alguns hábitos não desaparecem com o tempo.

Henrique Perin
1º lugar - Crônica - Discente

Sobre o autor:

Henrique Perin é estudante do Curso de Sistemas de Informação da UFSM/FW.



Herança de Saberes

Quando criança, a faculdade não era apenas um lugar distante onde adultos iam aprender coisas complicadas. Para mim, era um universo inabitado, com múltiplas personalidades reunidas. Minha mãe costumava me levar com ela para as aulas. Sentada discretamente em alguma fileira, eu observava os muitos sentimentos que preenchiam cada canto das salas.

Sem perceber, criei um fascínio por toda aquela rotina. A biblioteca cheia de livros, os corredores movimentados, a cantina com picolé de manga, os cachorros correndo pelo pátio, o suficiente para me encantar. Com um caderninho embaixo do braço e um tempo livre para desenhar, busquei registrar em minha memória cada momento vivido naquele lugar.

Quando chegou o momento de decidir meu próprio futuro acadêmico, não poderia ser diferente. Ainda que tentasse seguir outros caminhos, o destino me levou a seguir os passos de minha mãe. Saí da Terra do Carijó, para a Princesinha do Médio Alto Uruguai. A decisão não foi apenas por comodidade: no *Campus* em Frederico Westphalen, eu teria a continuação dos laços afetivos que havia construído no passado.

Depois de muitos anos, revivi aquela sensação de estar cercada por algo grandioso. A biblioteca, que antes era um lugar de encantos, tornou-se um esconderijo para os estudos. A cantina, com picolé de manga, deu espaço para o *cappuccino* com pão de queijo antes das aulas. Já o prazer de encontrar e fazer carinho nos animais, continuou fazendo parte da rotina. E, nos dias exaustivos, o laguinho virou um refúgio de paz.

Como estudante universitária, cada canto que percorro me ressoa uma certa nostalgia. Mesmo depois de tantos anos, ainda vejo nos prédios algo que aprendi a valorizar quando criança: o poder transformador da educação na vida das pessoas. Estudar em uma faculdade pública sempre foi um sonho, e, além disso, foi onde aprendi a me manter firme diante das minhas escolhas e das adversidades.

Ao iniciar minha própria jornada na faculdade, sozinha em uma nova cidade, conciliando o trabalho com os estudos, consigo entender ainda mais a magnitude dos desafios enfrentados. Hoje, vejo claramente que a UFSM/FW não é apenas um lugar de aprendizados e realizações, é um lugar onde histórias de coragem e determinação são gravadas nas paredes e nos corações daqueles que a frequentam.

Ellen Louise Soares Manfio
2º lugar - Crônica - Discente

Sobre a autora:

Ellen Louise Soares Manfio é estudante do Curso de Jornalismo da UFSM/FW.



Entre prados e cafés

Os belos campos que formam o horizonte do olhar acadêmico. As árvores robustas ao enaltecer o deslumbrante verde que compõe a paisagem e o privilégio de suas sombras. As passeatas entre o mato e seus personagens, fauna e flora, destaque no interior do estado, composição de um Brasil. Edifícios azuis que preenchem a poesia do local, arquitetura quase brutal para um ambiente amistoso. Eis ali uma cadela de pelos amarelo-dourado nomeada Bella, tombamento patrimonial da instituição, junto a um que outro cusco da família universitária. Servidores dos quais, infelizmente, não sei o nome e carrego vergonha demais para perguntar; porém é claro, livre de amarras para poder julgar. As figuras que, abstratas, pertencem ao quadro imaginativo e pomposo desta universidade. Sinto elas, porém não as conheço. Sinto vergonha por desconhecer e revolta por não conhecer, ao mesmo tempo que sinto falta de um café.

Os olhos se enchem mais do que a boca de palavras entre os seres que transitam ali. Coitados, esquecem da fraternidade que estrutura qualquer movimento estudantil. Acabam por ser coadjuvantes apenas das histórias uns dos outros em vez de compartilhar protagonismos. Maldita solidão, entre tantos que vêm e vão. O caro café caro, servido ao puro ódio do capital, superinflacionado, saborioso e serve o tom aromatizador ao momento de descanso intelectual banhado à fuligem de um cigarro. Se por sorte, um momento de confraternização, por mais que fuja de corroborar os momentos de procrastinação ao ar livre em um gozo ambiental sobre o chão de pedras socadas. Ideias rasas trocadas por nenhum sentido substituem a possibilidade da troca de conhecimento a um crescimento coletivo. Falta visão de um social colaborativo. Abertura e diálogo entre os próprios que compõem a sociedade acadêmica. Detém-se o silêncio muitas vezes no lugar do discurso, que pavorosamente é tomado pelos mesmos seres que ali se destacam, um horror de egos.

São diversos os personagens e *personas* que participaram dos corredores desta comunidade. Tantos sorrisos ao ar e olhares ao vento, alguns que jamais serão vistos novamente. O tempo julga as atitudes de todos, mas apenas o tempo é rei de nossos destinos. Quanto tempo teremos ainda neste plano carnal é um mistério, mas os anos nesta instituição são determinados por seu plano pedagógico. Pedagogia que vai além de teorias para exercícios de vida. Tão bela, que se constrói entre as experiências trocadas e a intelectualidade construída. Talvez a soma de toda balbúrdia desta comunidade científica resulte em produtos decisivos ao impacto no cotidiano de tantos brasileiros e brasileiras. A significância de toda essa construção está na mudança que se tem na vida dos participantes. Por isso, entramos como uma pessoa e saímos como outra, ao ar fresco deste ambiente e sob os ensinamentos de mestres doutores, inspirados a revolucionar o mundo à nossa volta e preparados para enfrentar os desafios que a rotina nos propuser. A morbidez da despedida supera a incidência do novo começo. O sofrimento da perda de pessoas queridas dá lugar ao poder de orgulhar-se dos trajetos dos que nos deixaram, da memória dos que um dia compartilharam o dia conosco, os sonhos



UFSM
Frederico
Westphalen

Concurso Literário



e os desejos. Construir o futuro para o qual desejavam colaborar.

Entretanto, nada supera a plenitude, a beldade e a deslumbrância da paisagem que compõe o *Campus*. Há de vir aqui julgar as relações sociais de todos, sem exceções, talvez em um largo de hipocrisia, pois eu mesmo não desfruto das companhias privilegiadas. Complacência, companheiro; complacência, companheira; complacência, camarada. Apenas perpétuo entre palavras amargas pelo café inflacionado de um bar sem concorrências em um local majoritariamente composto pela natureza verde e azul, longe da selva de pedra, em que sinto falta do diálogo epistemológico acerca de algum tema. Entre bater cabeça aos momentos libertos, em vez de vulgar momento de libertinagem, vertiginosa conversa supérflua. A falta de açúcar nesse café me lembra a falta de entrosamento entre a comunidade, a necessidade de quebrar os cristais como romper paradigmas, superar preconceitos e deixar fluir o aroma do café como as ideias de todas cabeças que compõem esta unidade morfológica. És um *Campus* especial, com falta de especialidades e com necessidade de diálogos. Falta um café mais barato assim como falta despertar o desejo de pertencimento desta comunidade que sinto avulsa neste lindo verde gramado. Entre cigarros e café, quero ouvir mais as vozes universitárias e menos os meus pensamentos sobre o preço do café.

Bernardo Bernardi de Sordi
3º lugar - Crônica - Discente

Sobre o autor:

Bernardo Bernardi de Sordi é estudante do Curso de Jornalismo da UFSM/FW.



A Canção do *Campus*

Onde floresce o ipê
e também cai a chuva.
Um lugar onde os pássaros
voam contra o vento.

Aqui vivemos, aqui sonhamos,
entre sorrisos e risadas,
embora, em alguns dias,
também surja uma lágrima.

Tradições que regressam
como num túnel do tempo.
Amizades que nos sustentam,
e o amor, que em alguma de suas formas,
sempre nos espera,
sempre nos alcança.

Pelos corredores ficam
aquelas canetas perdidas,
e lápis gastos,
as páginas manchadas de insônia,
e muitos sonhos
que nos mantêm acordados.

Aqui vivemos, aqui sonhamos,
entre lágrimas e risadas,
tradições e amizades,
entre sonhos e amores.

Bella nos olha em silêncio,
aguardando nossas chegadas
e nossas partidas.
Seus olhos já viram chegar gerações,
seus passos lentos conhecem as despedidas,
e em sua calma nos recorda
que a vida neste *Campus*
também se sustenta em afetos.



É simplesmente uma sinfonia
de passos e silêncios,
de sorrisos, tarefas, noites em claro e sonhos,
de páginas amassadas, chimarrão e canções em coro.

De bandeiras, bombachas, violões e gaitas,
canções antigas, que se misturam às novas.
É a certeza de que, entre ipês e tempestades,
cada um se soma a uma história,
e, juntos,
escrevemos um tempo que floresce,
onde cada abraço é uma ponte
entre o que fomos e o que seremos.

E, enquanto florescer o ipê,
enquanto o pássaro cantar,
enquanto o sol nos olhar,
o *Campus* guardará nossa voz.

Porque aqui a vida floresce,
se despede, e volta,
sempre volta,
a renascer em canção.

Adriana Carolina Gamboa
Menção Honrosa - Poema - Servidor(a)

Sobre a autora:

Adriana Carolina Gamboa é Docente Voluntária do Programa de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia Ambiental da UFSM/FW desde 2023.



UFSM
Frederico
Westphalen

Concurso Literário



**Ministério da Educação
Universidade Federal de Santa Maria
Campus da Universidade Federal de Santa Maria em Frederico Westphalen**

Contatos:

Telefone
(55) 3744-0600

Site
www.ufsm.br/frederico

E-mail
ufsmfw@ufsm.br

Facebook
UFSM Frederico Westphalen

Instagram
[@ufsmfw](https://www.instagram.com/ufsmfw)

Twitter
[@ufsmfw](https://twitter.com/ufsmfw)

Endereço:
Linha Sete de Setembro, Caixa Postal 54
98400-000 - Frederico Westphalen - RS